



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

PRISCILA MOURA CHAVES

ESTRATÉGIAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM CAMPINA GRANDE-PB

CAMPINA GRANDE-PB

MARÇO 2017

PRISCILA MOURA CHAVES

**ESTRATÉGIAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Profa. Dra. Josandra Araujo Barreto de Melo

CAMPINA GRANDE-PB

MARÇO- 2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C512e Priscila Moura Chaves
Estratégias docentes no ensino de geografia para alunos com
deficiência visual em Campina Grande-PB [manuscrito] / Priscila
Moura Chaves. - 2017.
31 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araujo Barreto de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Educação Especial. 3. Deficiente
Visual. I. Título.

21. ed. CDD 910

PRISCILA MOURA CHAVES

**ESTRATÉGIAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em
forma de artigo apresentado ao Curso
de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado(a) em Geografia.

Área de concentração: Ensino de
Geografia

Orientador: Prof(a).Dra Josandra
Araujo Barreto de Melo

Aprovado (a) em: 27/03/2017.

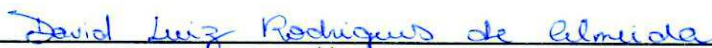
BANCA EXAMINADORA



Prof^(a). Dr^(a) Josandra Araujo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinador (a)
Prof^(a). Marluce Silvino
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Examinador (a) Prof.^(a) David Luiz Rodrigues de Almeida
Universidades Estadual da Paraíba (UEPB)

“A educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é criação de riquezas apenas para alguns privilegiados.”

Leonel Brizola

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado força e saúde para superar os desafios diários

Aos meus pais, Leni Moura Chaves e Adilson de Lima Chaves, pelo imenso amor e dedicação

À minha irmã Viviany Chaves por me ajudar a vencer meus medos e me motivar a crescer profissionalmente

À Felipe Antônio, meu companheiro, que me apoia nas decisões e sempre está ao meu lado

A minha orientadora Josandra Araujo que teve a consideração de me aceitar, e me ajudou na conclusão deste trabalho.

A Banca examinadora Marluce Silvino e David Luiz por abrirem um espaço de sua rotina para participar dessa desefa.

As minhas amigas de graduação: Mônica Dayse, Luara Raquel e Glauciara Dias, que foram peças chave para me manter até hoje aqui

Ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba que soube me acolher de uma forma incentivadora

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Sala de apoio da escola Polivalente em Campina Grande-PB.....	20
Figura 02. Auxiliar da sala de apoio aos alunos deficientes visuais.....	20
Figura 03. Alfabeto em Braille.....	21
Figura 04. Sala de apoio da escola Polivalente em Campina Grande.....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DV - Deficiência visual

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO LEGISLATIVO EDUCACIONAL	11
2.1 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO EDUCATIVO DE ALUNOS ESPECIAIS.....	13
3 A GEOGRAFIA E O ENSINO INCLUSIVO NA ESCOLA SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO	14
3.1 DIFICULDADES EXISTENTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	15
3.2 O PAPEL DA AVALIAÇÃO: MÉTODOS E ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS.....	16
3.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICE A - Modelo do questionário proposto	24
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	25

RESUMO

Sabe-se que nos dias atuais, a inclusão é uma das questões centrais nas discussões sociais, acadêmicas e políticas. O professor se encontra como um dos principais pilares desse processo de ensino na educação especial, como um elemento essencial para a eficácia desta. Nesse contexto, há um atendimento à alunos com deficiência visual nas escolas de ensino regular, com o fim de desenvolver desempenho cognitivo, intelectual e social desses alunos. Desse modo, o presente artigo analisa as estratégias educacionais de professores de geografia frente ao processo educativo com alunos portadores de deficiência visual, na escola Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente) em Campina Grande-PB. Para a realização deste trabalho recorreu-se ao estudo de caso com abordagem metodológica qualitativa descritiva, na qual a coleta de dados foi elaborada a partir de um questionário estruturado para os professores de geografia desta escola. Os resultados do estudo apontaram para as seguintes afirmativas, as dificuldades do processo de ensino na educação especial são muito presentes, ainda mais em escolas públicas que possuem uma carência de estrutura, qualificação e materiais adequados, também se verificou que os métodos e as estratégias inclusivas são diversas e precisam ser avaliadas quanto a sua qualidade, que a formação de professores carecem de qualificação sobre o tema da educação especial, no qual falta de conhecimento sobre os procedimentos de atenção ao aluno com deficiência visual. Este estudo então propõe o despertar para a capacidade de reflexão acerca da educação especial nas escolas públicas em Campina Grande, reconhecendo a relevância do papel exercido pelo professor para alcançar as mudanças esperadas nesse processo de ensino inclusivo, e por isso precisa ser qualificado e capacitado para saber lidar com os diferentes grupos de alunos especiais.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Estratégias Docentes. Educação Especial. Deficiente Visual.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a temática da inclusão social tem sido discutida em diferentes contextos como, por exemplo, no esporte, no mercado de trabalho e também na educação. Cada vez mais as discussões sobre inclusão social no âmbito escolar estão sendo amplamente difundidas e interiorizadas pela sociedade brasileira, isso porque surgiu a necessidade de compreensão do termo equidade.

No Brasil, de acordo com a Constituição Federal de 1988 e as Diretrizes da Base a Educação – Lei nº 9.394-96, a educação é um direito e todos devem ter acesso, incluindo pessoa com deficiência, onde eles devem se integrar em escolas regulares de ensino (BRASIL, 1996). Assim sendo, como forma de fortalecer as ações de inclusão social no país, em 1993 foi criada a Política Nacional de Educação Especial que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que “[...] possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais” (BRASIL, 2008).

Porém, mesmo com o decreto de leis e políticas que protegem e orientam sujeitos com necessidades especiais, há muitos desafios a serem vencidos no âmbito da inclusão social nas escolas regulares. O processo de inclusão de alunos com deficiência na escola básica ou na universidade requer uma mudança profunda na forma de encarar essa problemática e de propor intervenções e medidas práticas com a finalidade de transpor as barreiras que impedem o acesso e permanência de pessoas com deficiência (ROCHA; MIRANDA, 2009).

Acontece que um dos desafios surge para os profissionais da educação, que devem lutar para que todos os alunos tenham igual oportunidade de aprendizagem e de acessibilidade aos conhecimentos historicamente produzidos (GONÇALVES; VIANNA; SANTOS, 2009). Segundo Tiballi (2003) os princípios norteadores para uma escola inclusiva são: respeito às diferenças e igualdade de direitos; cooperação, tolerância e solidariedade; participação social e integração afetiva de todos, especialmente dos alunos com deficiência. Dessa forma, o professor participa como protagonista e mediador do processo de aprendizado desses alunos com necessidades especiais, bem como assume um papel de agente que trabalha para promoção da inclusão pela via da escola.

Diante disso, o presente artigo objetivou analisar as estratégias educacionais de professores de geografia frente ao processo educativo com alunos com deficiência visual, na escola Polivalente em Campina Grande-PB. Além disso, este estudo buscou investigar como se desenvolve o processo de inclusão social com alunos com deficiência visual e de baixa visão na escola regular, também observar quais as estratégias utilizadas pelo professor em sala de aula, para mediar a compreensão do conhecimento geográfico em alunos que possuem necessidades visuais especiais e por fim buscou compreender a visão dos professores de geografia sobre a qualidade de ensino para esses alunos.

Para alcançar estes objetivos realizou-se estudo de caso de abordagem metodológica qualitativa descritiva, visto que através desta estratégia de pesquisa foi possível buscar a compreensão da dinâmica de fenômenos que envolvem o componente humano (ZANELLI 2002; VERGARA, 2004). Assim sendo, a partir do enfoque qualitativo não se preocupa com o uso de técnicas e métodos estatísticos para analisar os dados, pois seu caráter é epistemológico, objetivando interpretar o fenômeno do seu objeto de estudo (GODOY, 1995).

Para realizar a coleta de dados da pesquisa, foi elaborado um questionário com cinco perguntas e também com informações de caracterização da amostra (APÊNDICE A), sendo estes aplicados com todos os professores ¹de geografia da escola Polivalente – público alvo do estudo. Os dados da pesquisa foram analisados ²através de uma leitura integral de todos os questionários e suas respectivas respostas, para se ter dimensão e conhecimento do material de análise que posteriormente, foi digitalizados e por fim a partir dos dados organizados, elaborou-se categorias de análises sistematizadas que estruturaram os resultados desta pesquisa na qual realizou-se o tratamento dos dados, inferências e interpretações.

Os resultados apresentados apontam para as dificuldades enfrentadas pelos docentes para desenvolverem suas atividades, inserindo dentro do processo de inclusão os alunos com deficiência visual, indicam também as estratégias e as ferramentas produzidas para ultrapassar as barreiras tanto do cotidiano escolar como do próprio sistema educativo que não contribui de modo significativo para o melhor acesso de alunos com deficiência.

¹ A escola Polivalente conta com o total de quatro docentes de geografia.

² Analisou-se por meio da técnica de Bardin (1977).

2. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO LEGISLATIVO EDUCACIONAL

Os primeiros passos no que diz respeito à educação especial se deu em meados século XVI, quando médicos e especialistas observaram que pessoas com deficiência necessitavam de uma educação para além daquela dada pelo seu círculo familiar. Esse processo de inclusão só foi concretizado no século XIX, com a construção de salas de aula especiais nas escolas regulares.

A integração desses alunos ocorreu vagarosamente, com o tempo foi tomando seu próprio espaço, porém a expansão só surgiu logo após as guerras mundiais, só devido a esse período, que as pessoas se voltaram a avistar a educação de alunos especiais, devido ao aumento de mercado de equipamentos de reabilitação, que foi bastante útil para as vítimas das duas guerras mundiais. Em 1970 ainda existia a dificuldade do ingresso de escolas regulares, o argumento seria que esse tipo de aluno melhoraria seu desempenho intelectual isolado dos demais, ou seja, frequentando escolas específicas para sua deficiência.

Logo em 1988, com a Constituição Federal e as Diretrizes da Base a Educação – Lei nº 9.394-96 (BRASIL,1996), foi acordado que todos devem ter acesso a educação, pois tem esse direito básico e comum a todos os sujeitos, incluindo principalmente pessoas com deficiência, onde os mesmos devem se integrar em escolas regulares de ensino. De acordo com ‘Declaração Mundial sobre Educação para Todos’ da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), diz que é preciso universalizar o acesso à educação e promover equidade. Nessas condições, ressalta-se que:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo (UNESCO, 1990, p. 4).

Dessa forma, a inclusão social passa a ser uma questão fundamental da sociedade. Sabe-se o quanto instituições criadas para reger o convívio entre os homens tendem a reforçar a discriminação e a criar territórios que classificam e hierarquizam os cidadãos justamente a partir de suas diferenças. Assim, as pessoas com deficiência são historicamente identificadas como páreas sociais em função de um conjunto de igualdades mais ou menos constantes que acabam por definir seu

lugar na sociedade: lugar de exclusão (BRASIL, 2005). Nesse contexto a escola não se constitui de maneira diferente. Como território institucional expressivo da cultura em que se insere, a escola sofre pressões para acompanhar os novos tempos e lidar melhor com a diversidade do público que deve atender. Um público de “aprendizes de cidadania” que, para exercê-la, querem mais que o mero direito de expressão. Mas também um público cheio de especificidades que, se não forem respeitadas, acolhidas e atendidas em suas diferenças jamais farão da escola um dos possíveis espaços em que o exercício de uma política inclusiva contribua com a construção de uma sociedade mais justa (BRASIL, 2005).

Pessoas com necessidades educacionais especiais apresentam, normalmente, impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que, em interação com diversas barreiras, podem restringir sua participação efetiva na escola e na sociedade. Acerca desse público, Magalhães (2003) esclarece ser composto por: alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, deficiência física sensorial (cegos, surdos e surdos-cegos), deficiência física não-sensorial (paralisia cerebral, por exemplo), deficiência mental, deficiências múltiplas.

No caso de alunos com deficiência visual, considera-se que cada vez mais estão presentes em sala de aula. Nas escolas o aluno cego desenvolve o lado intelectual, mas precisa de materiais adaptados a sua deficiência com a finalidade de receber o mesmo aprendizado que os alunos videntes recebem. A criança cega pode perfeitamente se apropriar dos significados de seu meio e participar das práticas sociais, pois dispõe de instrumentos necessários para isso – a linguagem oral. Além disso, a concepção de que, com o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, o homem transforma sua relação com o mundo e nela introduz a dimensão semiótica, minimiza a dimensão da perda decorrente da cegueira (LIRA; SCHLINDWEIN, 2008, p. 187).

Devido a facilidade dos alunos com deficiência visual desenvolver o intelecto, a utilização da cartografia tátil, vem sendo muito utilizada nas aulas de geografia, onde promove a interação da turma incluindo cegos e videntes. A autora FAÉ (2009) afirma a importância dessa metodologia:

O mapa é uma representação indispensável para o ensino de Geografia, onde a construção e a interpretação desse suporte, em outra linguagem, se

torna prioritária na educação dos anos iniciais. Estes possuem convenções e devem ser considerados por todos. Não são apenas imagens ou figuras, é preciso respeitar alguns princípios cartográficos como o uso adequado das cores, os símbolos nas legendas, clareza no título, as escalas com medidas exatas e a orientação certa. Para os alunos cegos é importante trabalhar com mapas e globos táteis, em relevo, com clareza de informações, acompanhados da descrição pelo professor. Esse tipo de material didático possibilita o acesso ao conhecimento da cartografia no plano, uma experiência bidimensional, nas maquetes, tridimensionais com uma percepção de perspectiva. (FAÉ, 2009 p. 07-08)

Caiado (2003) realizou um estudo sobre a rotina das pessoas com deficiências visuais nas instituições de ensino, onde entrevistou seis pessoas em que a perda visual ocorreu antes da alfabetização e tiveram que desenvolver a leitura em Braille na escola regular. Segundo ela, no decorrer de sua pesquisa, enxergou alguns pontos: (1) o preconceito ainda era muito existente; (2) faltava qualificação para os professores ensinarem a esses alunos; (3) ausência de materiais que auxiliassem na construção do aprendizado desses alunos.

Diante disso, pode-se observar o quão importante é o papel do professor no processo de educação especial e inclusão social. Para Staimback e Staimback (1999), o professor exerce um papel fundamental de desenvolver a percepção de cada aluno, observando seus limites e potencial. É imprescindível que o professor desenvolva estratégias de ensino para esses alunos, trabalhando a percepção e lógica. Porém com a ausência de materiais e suportes de apoio como livros, instrumentos tecnológicos adaptados etc., dificulta o processo de aprendizagem em aula, restando somente a voz do professor como instrumento essencial para amplificar o conhecimento do aluno cego.

2.1. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO EDUCATIVO DE ALUNOS ESPECIAIS

De acordo com a lei nº 5.540\68, o professor deve exercer após sua formação, duas funções: a de saber passar o que aprendeu e facilitar a forma de ensino discernindo todos que estão a sua volta. O contato entre alunos que possuem necessidades especiais com alunos sem deficiência é fundamental para o amadurecimento social - eliminando o preconceito que ainda continua notório -, também para a autonomia, para as relações sociais satisfatórias, virtudes cognitivas,

curriculares, de desenho, de locomoção, verbais, e do interesse pelo conhecimento (MONTE ALEGRE, 2003).

Camargo (2012) discute a questão da fala (comunicação), para desenvolvimento intelectual dos alunos deficientes visuais, e percebeu o quanto a comunicação entre docente e aluno é árdua, principalmente quando se refere a assuntos que tem que ocorrer uma conexão com o mundo visual para melhor entendimento. Pode-se perceber a importância de envolver materiais didáticos que ajudem a desenvolver os outros sentidos nos alunos, como o tato e audição, assegurando um melhor aprendizado do aluno deficiente visual: “os mapas táteis são de grande utilidade na compreensão do espaço geográfico, na apreensão de conteúdos escolares e no próprio dia-a-dia do estudante cego. Os instrumentos de orientação espacial, além de necessários para o aprendizado escolar, auxiliam na locomoção, na autoconfiança, no aumento da autoestima e trazem independência para o cego” (CHAVES, 2011, p.47).

Como visto, para o docente encarar essa realidade, ele deve passar por treinamentos e capacitações, a fim de ampliar seu conhecimento didático em trabalhar na sala de aula com alunos com deficiência. Entretanto, mas nem todos os docentes possuem interesse e disposição em modificar o seu modelo de ensino assim como relata Lira e Schilndwein (2008). Ao analisarem o comportamento de professores que ensinam a alunos com deficiência visual, foi observado que alguns docentes temem a mudança na prática pedagógica, e evitam mudar seu plano de aula. Assim, ao entrevistarem esses alunos foi relatado que existe apoio especializado e o material ainda é precário. Nesse sentido, percebe-se que, muitas vezes, as limitações no processo de aprendizado do aluno especial se dá pela falta de interesse dos professores ofertarem um ensino de qualidade: “a escola pode auxiliar a enfrentar as dificuldades impostas pela diferença visual em uma sociedade essencialmente visual” (Lira e Schilndwein, 2008 p.173).

No tocante a qualificação do professor em trabalhar com alunos que possui deficiência visual, merece ser analisada com importância, pois é algo que reflete no desenvolvimento de uma sociedade que já possui uma exclusão. Para Silva (2009) “só pode ter bons resultados se forem feitos por meio da qualificação profissional”. A relação existente entre esses alunos com os profissionais da educação, deve ser englobada de uma forma que não gere contenta no meio social, emocional e psicológico, é importante a preparação de todos para a evolução desse processo. A

inclusão desses alunos com deficiência não pode ser apenas vista que o professor é o único elemento chave, mas sim todos os profissionais que trabalha na educação, pois o aluno não só habitará dentro da sala de aula (ALVES, 2009).

É importante ressaltar que não tem ainda um grau evolutivo de oportunidade para ensinar o professor a lidar com essa situação, pois um curso de capacitação faz o professor despertar o seu desempenho e as mudanças pedagógicas que ele mesmo pode realizar em sala de aula, isso influenciando na sua serventia e formação profissional (MITTLER, 2003).

Na prática a realidade é bem diferente, o docente teme essas mudanças, gerando desconforto e reclamações. A situação é delicada, pois a maioria dos professores não demonstram interesse com mudanças de estratégias, isso tornando a situação ainda mais indefinida, “[...] é injusto como os estudantes cegos que eles fiquem fadados a uma pedagogia espontaneista, improvisativa e realizada por principiantes” (MONTE ALEGRE, 2003, p.118).

3. A GEOGRAFIA E O ENSINO INCLUSIVO NA ESCOLA SENADOR ARGEMIRO DE FIGUEIREDO

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, mais conhecido como Polivalente. A escola localiza-se no município de Campina Grande-PB, atendendo alunos do 6º ano do ensino fundamental até o 3ª série do ensino médio e funciona nos turnos manhã, tarde e noite.

Foi escolhida a escola Polivalente como local de estudo para realizar a pesquisa, pois se sabe que é a única escola em Campina Grande, a nível estadual, que oferece ensino também para pessoas com deficiência visual. A escola possui parceria com o Instituto dos Cegos, também localizado na cidade de Campina Grande. Com essa parceria, estima-se que uma média de 22 alunos (cegos e baixa visão) estão matriculados regularmente. Salienta-se que a escola possui de uma sala de suporte, onde é direcionada apenas para esses alunos com limitações.

Os resultados foram obtidos a partir da análise dos questionários aplicados com os professores de geografia da escola, totalizando 4 entrevistados com idade entre 30 e 60 anos, sendo 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Foi observado

que todos trabalham há muito tempo na profissão de professor (média de 22 anos), e que se sentem satisfeitos com seu trabalho. Após a realização da análise de todos os questionários foi possível agrupar os resultados em três categorias elucidativas: dificuldades existentes na educação especial; o papel da avaliação: métodos e estratégias inclusivas e formação de professores e o processo de educação inclusiva.

3.1 DIFICULDADES EXISTENTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

De acordo com os professores entrevistados, quando questionados quanto as dificuldades existentes para ensinar geográfica à alunos com deficiência visual (DV), foi observado que há uma carência de suporte educacional para esses alunos, desde a falta de materiais didáticos, como também a falta de experiência e conhecimento por parte desses profissionais.

Falta de materiais e recursos didáticos e falta de um professor de apoio junto ao professor em sala de aula para auxiliar durante as aulas, já que os alunos com deficiência visual necessitam de uma atenção especial em determinados momentos (entrevistado 2).

Na maioria das vezes o professor fica dividido na sala de aula, em dar atenção aos alunos com deficiência e aos alunos videntes, isso prejudica bastante o rendimento escolar dos alunos em geral, dificultando o desempenho do professor em sala de aula (entrevistado 1).

Diante desta fala da entrevistada 3, é perceptível que essas dificuldades se inserem tanto no âmbito da formação profissional, como também técnico e de infraestrutura. Podemos ver que situações assim acontecem a todo tempo em diversas escolas de ensino regular no país e que, na maioria das vezes, o professor se encontra sozinho para enfrentar estas dificuldades. Com isso, é importante destacar que o processo de educação especial só funcionará de maneira adequada quando a comunidade escolar (diretor, técnicos, professores, alunos etc.), a família e o Estado participarem ativamente desse processo. Sobrecarregar o professor e apontá-lo como único responsável por esse compromisso é omitir os deveres de todos que cercam o aluno DV ou com necessidades especiais.

Além disso, o professor que tem trabalhado com a inclusão educacional, necessita de conhecimento para atuar ao lado desses alunos. Reconhece-se que o

professor do ensino regular não recebe em seu currículo de formação, preparo especial para lidar com alunos deficientes visuais. Por essa razão, sentem-se despreparados e, por isso, necessitam de informação sobre a capacidade visual e necessidades do aluno com baixa visão (GASPARETTO, 2007).

Em estudo sobre a inclusão escolar verificou-se que maioria dos professores sinalizou ter dificuldades para lidar com os alunos com deficiência visual devido à ausência de preparo pedagógico e a ausência de discussão e orientação sobre o tema, à falta de recursos de Tecnologia Assistiva, de orientações para utilizá-los e suporte psicológico (MASINI, 2010).

3.2 O PAPEL DA AVALIAÇÃO: MÉTODOS E ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS

No que diz respeito as estratégias utilizadas e os métodos avaliativos no ensino para alunos com DV, foi percebido que mesmo com as dificuldades supracitadas, eles conseguem desenvolver materiais lúdico-educativos que auxiliam nas aulas e nas avaliações. A escola Polivalente possui uma sala de apoio (foto 1 e 2) para esses alunos contendo recursos de informática, jogos educativos, livros em Braille (livros de contos) e material auditivo.

Foto 1: Sala de apoio da escola Polivalente em Campina Grande-PB.



Fonte: (CHAVES, P, 2017)

Foto 2: Auxiliar da sala de apoio aos alunos deficientes visuais.



Fonte: (CHAVES, P, 2017)

Apenas duas técnicas dão suporte integral para esses alunos, como professoras de reforço de todas as disciplinas, pois a maioria dos professores de geografia pela falta de conhecimento no Braille são limitados em ajudar esses alunos nos exercícios de fixação diários. As mesmas, tem o cronograma de todas as aulas desses alunos, ajudam muito eles nas atividades do dia-a-dia, auxiliam os alunos nas leituras, provas, atividades e na própria locomoção dentro da escola. (Foto 3 e 4).

Foto 3: Alfabeto em Braille. Material lúdico da escola para alunos com deficiência visual.



Fonte: (CHAVES, P, 2017)

Foto 4: Sala de apoio da escola Polivalente em Campina Grande-PB.



Fonte: (CHAVES, P, 2017)

De acordo com os entrevistados, notou-se que cada professor utiliza um método próprio de avaliação, onde cada um realiza a seu modo. Com isso, espera-se um resultado eficaz no processo de ensino-aprendizagem, objetivando um desenvolvimento cognitivo, intelectual e perceptivo do aluno DV.

Pegava um quadro em sala de aula, quando queria dar aula de mapas e o dividia como uma cruz, dividindo em Norte, Sul, Leste e Oeste. Mandava os alunos se dirigir ao quadro e tocá-lo para terem noção de localidade. Quando eu dava aula que envolvesse clima ou relevo em um mapa, pegava materiais palpáveis como arroz, algodão, lixa, casca de ovo e colocava para que eles diferenciassem cada coisa (entrevistado 4).

Uso a cartografia tátil com o desenvolvimento de mapas e gráficos em alto relevo, além do uso intenso das descrições de imagens e de tecnologia assistiva com softwares próprios para deficientes visuais onde transforma texto em áudios. Utilizo os mesmos métodos que uso para o restante da turma, com pequenas adaptações: provas respondidas pelo computador através do software, trabalhos de pesquisa entregues via e-mail ou arquivo digital, exercícios, seminários. Além da avaliação continua realizada com a participação durante as aulas (entrevistado 3).

Os métodos e estratégias para os alunos com necessidades especiais ainda é de qualidade questionável. Isso dificulta o processo de aprendizado do aluno, acabando por deixá-lo em um lugar inferior em relação aos demais, e inferior em relação ao seu próprio processo de aprendizagem. Portanto, os métodos destinados a esses alunos ainda são escassos; a maioria deles apresenta baixa preocupação com o processo de aprendizagem (SANTOS, 2014).

Isso nos faz refletir sobre a qualidade de ensino para esses alunos, visto que se deve ter um esforço da comunidade escolar em buscar a igualdade de educação para alunos com DV quando comparado com alunos sem necessidades especiais. Gasparetto (2007) afirma que o professor deve buscar desenvolver, no aluno, atitudes ativas em relação ao processo de aprendizagem, bem como o espírito crítico e reflexivo, considerando as diferenças individuais, ou seja, fazê-lo alcançar o conhecimento em suas tantas dimensões.

3.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Os entrevistados quando questionados sobre a qualificação de professores para receber alunos com DV, relataram que esse quesito importante tanto na

formação deles quanto na dos alunos, porém não possuem apoio da escola nesse aspecto, ou seja, essa qualificação será possível se for paga por eles. Além disso, foi dito que capacitações e qualificações sobre o tema da inclusão de alunos especiais devem ser ofertadas desde a formação nas universidades, assim como em pós graduações, especializações e aperfeiçoamentos.

Porém, não basta apenas oferecer aos alunos o acesso à escola. Se faz necessário ministrar um ensino que seja de qualidade para todos, atendendo às reais necessidades do alunado. Assim sendo, deve ter uma abertura para um trabalho pedagógico que aprenda a lidar com a diferença presente nos educandos. É importante investir na formação inicial dos profissionais de educação para atuação com a diversidade do alunado, incluindo nesse contexto os educandos que apresentam deficiência, altas habilidades/superdotação e transtornos globais do desenvolvimento (MARTINS, 2012).

Ainda segundo Martins (2012) é preciso que:

Neste sentido, embora reconheçamos que tem crescido o número de cursos de licenciatura que buscam oferecer disciplina(s) voltada(s) para a Educação Especial, numa perspectiva inclusiva – principalmente em decorrência de resoluções e de algumas portarias ministeriais – vários estudos vêm evidenciando que ainda existe, da parte de docentes em formação, a necessidade de um aprimoramento deste processo, a partir da ampliação da carga horária das disciplinas ofertadas, assim como da oferta de outras disciplinas que oportunizem um maior aprofundamento teórico e prático, nesse campo educacional.

A realidade do professor nas escolas públicas, muitas vezes, é caótica. Ele não dispõe sequer de uma sala ambiente, dotada de mesas para trabalhos coletivos, de pia para lavar material e armários para guardá-los. Assim, como falar de inclusão se o mesmo ainda carece de disponibilidade de materiais nas escolas

Neste sentido, Batista (1998) fala sobre a falta de conhecimento do professor sobre os procedimentos de atenção ao aluno com deficiência visual, o conduz a atuações inadequadas, atribuindo qualquer dificuldade apresentada pelo escolar à sua deficiência. Dessa forma, é imprescindível que seja realizada capacitações de professores do sistema regular de ensino visando seu preparo para atuar junto ao escolar com baixa visão e que pode ser realizado por meio de parcerias entre universidades, serviços e escolas (GASPARETTO et al, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, podemos perceber o quanto a educação especial ainda precisa avançar para garantir um ensino adequado para alunos com necessidades especiais. As instituições de ensino público, principalmente, ainda precisam colocar na prática aquilo que a Legislação as portarias ministeriais delegam sobre as práticas pedagógicas na educação inclusiva,

As dificuldades existentes no processo de ensino e aprendizagem são cada vez mais desafiadoras nas escolas de ensino regular em que recebem alunos com deficiência visual. Esses obstáculos vão desde a carência de materiais de apoio como livros didáticos em braile, também falta de infraestrutura e qualificação dos professores que não afirmaram realizar com frequências cursos de aperfeiçoamento.

Observou-se que o papel do professor nesse processo é imprescindível, uma vez que ele é o mediador do conhecimento e assim se torna um dos principais pilares responsáveis pela construção do ensino para o aluno deficiente visual. Porém, por ele ser visto como peça importante nesse processo, muitas vezes os outros membros que compõem a comunidade escolar se omitem das suas responsabilidades para com o aluno com deficiência visual. Além disso, sentem dificuldades de ofertar uma educação de qualidade para esses alunos.

As estratégias e metodologias de ensino são diversas e particulares a cada professor, não existindo um padrão na forma de ensino nem um diálogo entre eles. Percebeu-se que a escola precisa de instrumentos que auxiliem o professor e facilite a avaliação do rendimento escolar desse aluno pois mesmo que as estratégias de ensino sejam diferentes entre alunos com e sem deficiência visual, é preciso garantir que o conhecimento seja igualmente adquirido.

Por fim, espera-se que este estudo desperte a capacidade de reflexão acerca da educação especial nas escolas públicas e locais de ensino regular onde devemos reconhecer que o professor é um dos pilares para alcançar as mudanças esperadas nesse processo de ensino inclusivo, e por isso precisa ser qualificado e capacitado para saber lidar com os diferentes grupos de alunos especiais. É importante ressaltarmos a necessidade de se repensar o ensino de geografia que desejamos para os alunos e se estamos de fato oferecendo as bases teórico conceituais para que

o discente faça uma leitura complexa do espaço em que vive através das estratégias educacionais direcionadas aos indivíduos que portam a deficiência visual.

ABSTRACT

It is known that today, inclusion is one of the central issues in social, academic and political discussions. The teacher is one of the main pillars of this process of teaching in special education, as an essential element for its effectiveness. In this context, there is a service to students with visual impairment in regular schools, in order to develop cognitive, intellectual and social performance of these students. In this way, the present article analyzes the educational strategies of teachers of geography in front of the educational process with students with visual deficiency, in Senador Argemiro de Figueiredo - Polivalente school in Campina Grande-PB. For the accomplishment of this work we used the case study with descriptive qualitative methodological approach, in which the data collection was elaborated from a structured questionnaire for the geography teachers of this school. The results of the study pointed to the following assertions, the difficulties of the teaching process in special education are very present, even more in public schools that lack a structure, qualification and adequate materials, it was also verified that the inclusive methods and strategies are diverse and need to be evaluated as to their quality, that the training of teachers lack qualification on the subject of special education, in which lack of knowledge about the procedures of attention to students with visual impairment. This study then proposes to awaken the capacity for reflection about special education in public schools in Campina Grande, recognizing the relevance of the role played by the teacher to achieve the changes expected in this process of inclusive education, and therefore needs to be qualified and trained to know how to deal with different groups of special students.

Keywords: Teaching geography. Teaching strategies. Special education. Poor Visual.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro: WAK EDITORA, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional. Diário da União, 1996.

BRASIL. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Simone Mainieri Paulon, Lia Beatriz de Lucca Freitas, Gerson Smiech Pinho. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. Campinas: Autores Associados-PUC, 2003.

CAMARGO, Eder Pires de. **Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de Física**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CHAVES, Ana Paula Nunes. **A geografia escolar e as experiências educativas de estudantes com cegueira** (Geography education and educational experiences of students with blindness). GEOSABERES - Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 2, n. 4, p. 47, 2011.

FAÉ, Maeli. **O Ensino de Geografia na Perspectiva da Inserção dos Deficientes Visuais**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia – ENPEG. Anais. v. 10, p. 07-08, 2009

FARIAS, I. R; SANTOS, A. F; SILVA, E. B. da. Reflexões sobre a inclusão linguística no contexto escolar. In: DÍAZ, F; BORDAS, M; GALVÃO, N; MIRANDA, T (Org.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GASPARETTO, M. E. R. F. A pessoa com visão subnormal e seu processo pedagógico. In: GASPARETTO, M. E. R. F.; MASINI, E. F. S. (Org.). **Visão subnormal**: um enfoque educacional. São Paulo: Vetot, 2007

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, R. B; VIANNA, C. A. F; SANTOS, S. B. Materiais didáticos alternativos para o ensino de ciências a alunos com deficiência visual. In: DÍAZ, F; BORDAS, M; GALVÃO, N; MIRANDA, T (Org.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009.

INCLUSÃO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LIRA, M. C. F; SCHLINDWEIN, L. M. A pessoa cega e a inclusão: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural. **Caderno Cedes**, v. 28, n. 75, p. 171-190, 2008.

MAGALHÃES, R. C. B. (Org.). **Reflexões sobre a diferença**: uma introdução à educação especial. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. In: MIRANDA, T.G; GALVÃO FILHO, T. A (Org.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012.

MASINI, E.F.S. A Inclusão escolar do aluno com deficiência visual. In: SAMPAIO, M.W. et al. (Org.). **Baixa visão e cegueira**: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão. Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan, 2010. p. 427- 448.

MITTLER P. **Educação Inclusiva**: Contextos sociais. 1ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MONTE ALEGRE, P. A. C. **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ROCHA, Telma Brito; MIRANDA, Theresinha Guimarães. A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior: uma análise de seu acesso e permanência. In: DÍAZ, F; BORDAS, M; GALVÃO, N; MIRANDA, T (Org.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Ariane Martins dos. Métodos e procedimentos utilizados na educação especial na perspectiva da educação inclusiva. **Revista Veras**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 37-61, 2014.

SILVA, L. M. da. **Educação inclusiva e a formação de professores**. 2009. 90f. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização *Latu Sensu* à distância em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva, Estado do Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

STAIMBACK S; STAIMBACK W. **Inclusão**: Um guia para Educadores. Porto Alegre, Artmed, 1999.

TIBALLI, E. F. A. Estratégias de inclusão frente à diversidade social e cultural na escola. In: LISITA, V. M. S. de S.; SOUZA, L. F. E. C. P. (Org.). **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. 1990. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em 20 de dez 2016.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos da Psicologia, n. 7, p. 79-88, 2002

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO PROPOSTO**QUESTIONÁRIO****INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O DOCENTE:**

Nome: _____

Data: ____/____/____.

Sexo: ()Feminino ()Masculino Qual a sua idade?_____.

Há quanto tempo atua como professor(a)? _____(anos ou meses).

Porque escolheu a área de geografia?

_____.

Há quanto tempo trabalha nesta escola? _____ (anos ou meses).

O quão satisfeito você é com seu trabalho?

() Muito satisfeito () Nem muito e nem pouco satisfeito () Pouco satisfeito.

PERGUNTAS QUE PERMEIAM O OBJETIVO DO ESTUDO:

1. Quais as dificuldades encontradas para ensinar a disciplina de geografia para alunos que possuem deficiência visual?

2. O senhor (a) como professor de geografia, quais são as estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem para trabalhar com alunos portadores de deficiência visual?

3. Quais são os métodos avaliativos que o senhor (a) utiliza com alunos portadores de deficiência visual?

4. Na sua opinião, deveriam existir cursos preparatórios sobre o tema da inclusão social nas escolas, com o fim de qualificar os professores para receber alunos com deficiência visual?
Sim ou Não?

5. Na sua opinião, a escola possui material didáticos e uma estrutura apropriada para receber alunos com deficiência visual? Sim ou não?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é _____ e gostaria de conversar com o (a) Senhor (a), sobre uma pesquisa que estamos realizando na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo - Polivalente, intitulada: **Análise das estratégias educacionais dos professores do ensino de geografia para alunos portadores de deficiência visual da escola Polivalente, Campina Grande-PB.**

Caso concorde em participar da pesquisa, será aplicado um questionário com o senhor (a), onde serão abordadas questões sobre os seus conhecimentos e suas estratégias educacionais a cerca do processo de ensino-aprendizagem com alunos portadores de deficiência visual. Nossa única finalidade é a obtenção dessas informações não implicando em nenhum benefício material para ambas as partes.

O Senhor (a) não é obrigado (a) a participar da pesquisa e se não participar, isto não lhe trará nenhum prejuízo. O Senhor (a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Porém se o senhor (a) aceitar participar ela será de grande importância. Nós garantimos que só pesquisadores terão conhecimento dos seus dados, será divulgado apenas um apanhado geral. O resultado poderá vir a ser divulgado em uma alguma revista científica, mas com a garantia de que nenhum participante poderá ser identificado.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluir o senhor (a) como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo entre em contato com: (83) 98645-1810 (Priscila Moura)

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu _____
concordo em colaborar com a realização da pesquisa intitulada: “**Análise das estratégias educacionais dos professores do ensino de geografia para alunos portadores de deficiência visual da escola Polivalente, Campina Grande-PB**” nos termos acima descritos.

Campina Grande-PB, data: ____/____/____.

Assinatura do entrevistador: _____.

Assinatura do entrevistado: _____.